

Apresentação

Colegas, amigos e servidores,

Estou na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica desde 1997, concursada para a carreira de Magistério Superior, carreira esta que faz parte, principalmente, das Universidades brasileiras, mas que coexiste com a carreira de Educação Básica, Técnica e Tecnológica na maioria das nossas instituições de Educação Profissional e Tecnológica.

Desde aquela época até o ano de 2013, essa rede passou por inúmeras transformações. Saímos de concursos minguaados de três ou quatro vagas para concursos de centenas de vagas ao mesmo tempo. Deixamos para trás os tempos de ausência de recursos para pagar despesas de custeio e chegamos a um momento em que, planejadamente, o gestor pode inverter rubrica de custeio e utilizá-la para investimento. Ou seja, passamos das dificuldades de arrancar recursos do Governo Federal em Brasília para os bons problemas da execução rápida do orçamento. Os agendamentos necessários para que professores e técnicos administrativos pudessem usar os computadores existentes e datashow da instituição ficaram para trás. A angústia de ver os rostos ansiosos de dez, quinze ou vinte alunos disputando uma vaga no único curso superior público federal da Serra Gaúcha se transformou na realidade de mais de dez novos cursos de graduação espalhados nessa região. Passamos da lista tríplice para escolha de nossos gestores à eleição direta dos mesmos pela comunidade escolar. Aquelas escolas federais pequenas e sem expressão política no cenário nacional passaram a ser referência e vanguarda a partir da criação dos Institutos Federais, com a Lei 11.892/2008. Em resumo, abandonamos as fragilidades que nos deixavam à beira da privatização ou da estadualização para protagonistas de uma reforma sem volta na conjuntura educacional.

É preciso que se diga que essa transformação ocorreu ao longo dos dez últimos anos. Às vezes mais lentamente do que desejávamos e, muitas vezes, mais rapidamente do que podíamos executar. Mas ocorreu e é uma realidade para todos aqueles que sempre acreditaram que a Educação Profissional podia ser mais do que simplesmente uma educação para os 'desafortunados do destino'.

Diante disto, alguns poderiam perguntar: "bom, então não temos mais nada para fazer?" Eu diria, ao contrário, que temos muito a fazer. Temos que consolidar essa nova institucionalidade de forma que nenhum governante possa fazê-la retroceder. Temos que ampliar nossa ação, fazendo com que homens e mulheres, jovens e adultos, pobres e ricos, possam acessar uma educação pública, gratuita e de qualidade.

Dados recentes demonstram que 88% das vagas para a Educação Superior no Brasil estão na iniciativa privada. E mais, que 42% das vagas da graduação brasileira estão comprometidas apenas com cursos de Administração e Direito, os quais são absolutamente relevantes para o desenvolvimento do país, mas que não garantem aquilo que precisamos para potencializar nossas riquezas de forma sustentável – educação, tecnologia, inovação, criatividade, inclusão produtiva, inserção direta no mundo do trabalho. A expansão das vagas públicas e gratuitas na Educação passa

por uma articulação gigantesca entre todos os entes federativos, os quais devem garantir os recursos necessários para que isso ocorra. Todavia, passa também por um comprometimento imenso de todos nós, hoje concursados na esfera pública federal. Devemos entender nossa função como a base fundadora de um país mais justo, mais inclusivo, menos excludente com aqueles que mais precisam.

Perceber as nossas limitações e superar os obstáculos de um desafio desse tamanho faz parte desse processo. Para isso, precisamos acreditar que a Educação Profissional pode ser revolucionária, trazendo para o centro do debate não apenas o fazer, mas o pensar e também o construir. Não podemos aceitar o discurso fácil do retrocesso, tampouco podemos acreditar em falácias de futuro. Precisamos ter responsabilidade, como servidores públicos federais, com a construção e o desenvolvimento de um mundo melhor que esse, com a formação de um cidadão crítico capaz de perceber os melhores caminhos para a sociedade em que vive.

Por isso, o Seminário Anual dos Servidores do IFRS tem trazido à tona temas como SER IFRS (2012) e, no ano de 2013, o VIVER IFRS, pois é preciso criar espaços de discussão; é necessário ouvir o contraditório, é imperativo que pensemos sobre o que somos e o que queremos ser! Isso ocorre pela participação de todos na construção dessa nova identidade que completa cinco anos em dezembro próximo. Somente assim teremos a solidez necessária para enfrentarmos o futuro.

Contudo, a reflexão sem a ação não é transformadora. Quando estamos na sala de aula, sabemos que aquilo que trabalhamos com nossos alunos somente se transformará em algo efetivamente produtivo quando eles puderem comunicar e produzir algo com o conhecimento adquirido. A criação da Revista VIVER IFRS é uma das nossas formas de ação, trazendo a integração entre IFRS e sociedade para dentro da nossa práxis. Que ela possa servir como uma forma de comunicar nossas práticas, provocar novas reflexões, criar novas metodologias, propor novas formas, rever nossos conceitos... Que ela possa servir para mostrar à sociedade a riqueza e a grandeza de uma Educação que se preocupa com a inclusão... Que ela nos instrumentalize e nos propicie a boa prática da comunicação...

Parabéns a Pró-Reitoria de Extensão!

Parabéns ao IFRS!

Parabéns a todos servidores... Que a experiência do VIVER IFRS se transforme numa longa e proveitosa caminhada....

Claudia Schiedeck Soares de Souza

Reitora do IFRS

